

A LÍNGUA LITERÁRIA: CAMPO DE ESTUDO DA ESTILÍSTICA

META

Apresentar aos alunos as diversas modalidades de estudos que a Estilística moderna oferece como possibilidades de abordagem textual.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreende e dominar o conteúdo apresentado, realizando as atividades propostas para o tema em questão.



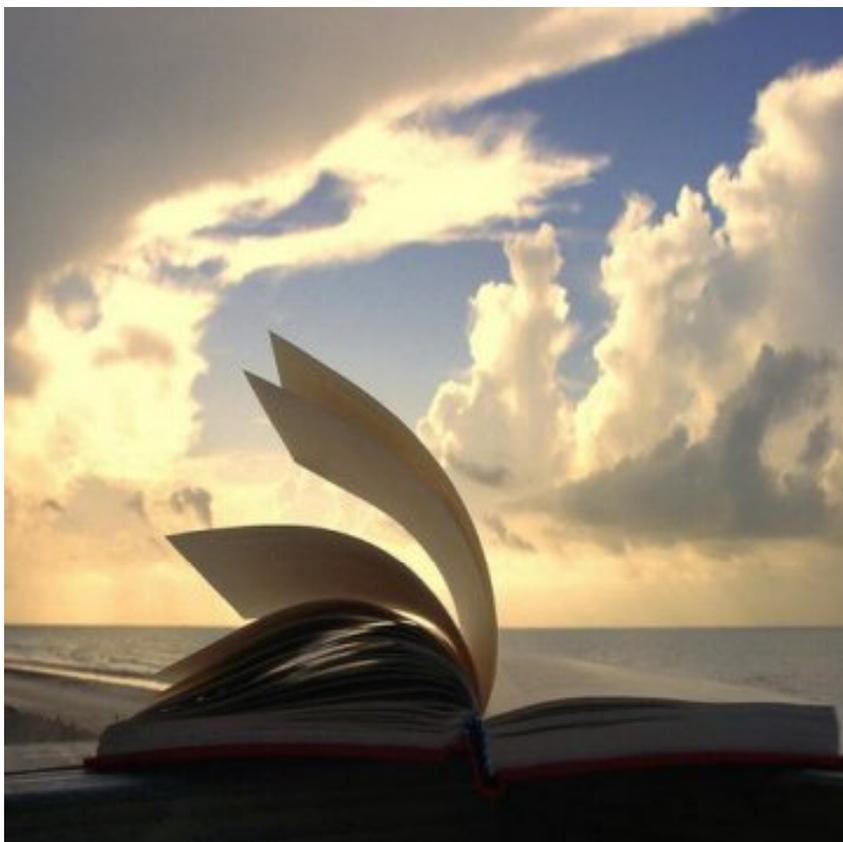
(Fontes: <http://www.olhodeodinn.blogspot.com.br>)

INTRODUÇÃO

Alguns lingüistas entendem por níveis de língua (ou de linguagem) a distinção que estabelecem entre língua escrita (ou linguagem escrita: mais vernácula, mais cuidada) e língua falada (ou linguagem falada: mais corrente e mais espontânea). Achamos preferível admitir que a língua escrita pertence à ordem escritural e a língua falada à ordem oral. No interior de cada uma destas ordens, podem diferenciar-se outros níveis de língua.

Facilmente se poderá observar que um sujeito, quanto maior cultura literária possuir, tanto mais se afastará da língua falada quando se exprime por escrito. Evidentemente que o inverso também é verdadeiro: um sujeito com uma cultura literária rudimentar faz pouca distinção entre o que diz e o que escreve, procurando até escrever exatamente como fala. Charles Bally, a que já nos referimos antes, define a língua comum como “o conjunto de fatos lingüísticos que, numa dada língua, exprimem as manifestações constantes da vida de um grupo lingüístico. Todas as formas lingüísticas que expressam aspectos mais particulares da vida, da atividade e do pensamento, não só ficam subordinadas a este fundo comum, mas recebem dele, por contraste, o seu caráter próprio”.

Para efeito desta aula, vamos considerar apenas alguns traços ou características da língua cuidada.



(Fonte: <http://nteabaetetuba.files.wordpress.com>)

O LITERÁRIO E O NÃO-LITERÁRIO

O nível de língua considerado cuidado (a língua cuidada ou padrão), caracterizado por um vocabulário mais precioso e menos usual, sintaticamente, acusa influências literárias do classicismo. É a língua que geralmente encontramos nos discursos, nas conferências, nos ensaios, nos prefácios, na crítica literária, nos sermões, nas comunicações, nas cartas-abertas, nas homilias e em outros textos. É sobre essa base mais cuidada que, tradicionalmente, mas não sempre, que se extrai o que se denomina de linguagem literária. Na linguagem literária, um ato de fala não surge rodeado de referentes ou contextos que o receptor domina. Nesse caso, os referentes ou contexto extraverbais dependem da própria linguagem e o leitor/receptor não os conhece antes da leitura do texto. A linguagem literária tem o poder de organizar e estruturar mundos (e situações) imaginários. Podemos exemplificar esta capacidade, comparando uma notícia jornalística com uma passagem de um romance:

“Ladrões, com chave falsa, assaltaram o Banco X, e roubaram todo o dinheiro dos cofres, num montante de R\$ 50.000,00, segundo declarou um vigilante daquele estabelecimento bancário”.

De início, sabemos que esta notícia relata um acontecimento real, sucedido em determinado espaço e tempo, e que as personagens aí referidas existem na realidade. Agora,

“O fidalgo de Fresno, quando soube que a irmã do reitor o rejeitara, pediu perdão aos manes dos Almeidas e dos Correias de haver caído em tamanha viltia; e para estrondear uma vingança, foi a Brasília, e voltou de lá casado com uma dama descendente de um rei godo da Idade Média”.

Esses fatos narrados nunca aconteceram e as personagens aqui referidas – o fidalgo, a irmã do reitor e o rei godo – nunca existiram, na realidade.

Existem sempre laços que ligam o mundo imaginário, criado pela linguagem literária, ao nosso mundo real. Os artistas, poetas, escritores em geral, não deformam a realidade, mas criam uma nova realidade, não descrevem o mundo real tal qual é mas criam um novo mundo à imagem e semelhança daquele em que vivemos. Se compararmos a linguagem literária com a não-literária, vamos observar que a literária apresenta maior grau de conotação. Mas devemos atentar que a conotação não é exclusiva da linguagem literária, visto que se verifica em outros domínios e níveis lingüísticos: na linguagem mística, coloquial, publicitária e em outras.

Uma das características mais importantes da linguagem literária é a plurissignificação: é plurissignificativa porque os signos lingüísticos (as pala-

vras) são portadores de múltiplos significados. Opõe-se, assim, à linguagem não-literária que usa preferentemente os vocábulos unívocos, próprios de uma linguagem monossignificativa. Na linguagem literária, os signos verbais não valem só pelos seus significados (conteúdos, sentidos) mas também pelos seus significantes (sons, aspectos sonoros). A expressão sonora dos vocábulos e das frases, os apontamentos rítmicos, as aliteraões e outros elementos poéticos são recursos que os escritores e, principalmente, os poetas lançam mão para a construção dos seus textos literários. É esta uma das características mais importantes da linguagem literária: o uso que o escritor (ou o poeta) faz das capacidades rítmicas e musicais da língua.

A linguagem literária distingue-se pelo seu afastamento, pela sua distância (desvio) da língua comum, de uso cotidiano, que é incaracterística, mais ou menos neutra, obediente a todas as regras e hábitos lingüísticos. A linguagem literária rejeita propositadamente todos esses hábitos e procura exprimir de uma nova forma todas as virtualidades significativas da língua. O escritor almeja descrever ou expressar o seu mundo interior ou o mundo que o rodeia de um modo inédito, focando-o de um ângulo inexplorado. Para isso, põe de lado não só a língua comum, cotidiana, mas até os processos estilísticos já usados e cansados pelos seus antecessores. Há, no escritor, uma ânsia perpétua de renovação lingüística e ele certamente tentará, por exemplo, empregar uma nova adjetivação, pôr de lado as metáforas já bastante conhecidas, enfim, procurará todas as inovações que quebrem a monotonia ou a rigidez dos hábitos lingüísticos.

Quanto uma linguagem literária, em virtude do uso, gasta e perde a sua expressividade, é substituída por uma outra. É por isso que cada grande escritor é sempre o criador de uma linguagem muito sua e, portanto, diferente de todas as outras, por exemplo, um texto de Machado de Assis com outro de Guimarães Rosa. Muitas vezes, o escritor, para criar uma nova linguagem literária, infringe a própria norma lingüística, ensaiando novas construções sintáticas, inventando neologismos, aportuguesando vocábulos estrangeiros, rejuvenescendo arcaísmos, atribuindo aos signos novos significados. Evidentemente que estas infrações representam um desenvolvimento ainda não utilizado das virtualidades que o sistema lingüístico lhe proporciona. A distância entre estes dois modos de expressão – o “normal” e o literário – é, pois, inevitável. Quando a evolução lingüística os aproxima, os poetas e os prosadores fazem um novo esforço e afastam-nos. Eis, abaixo, um esquema das principais diferenças que distinguem o literário do não literário:

Literário:

- exprime um mundo fictício embora relacionado com o real;
- tem maior grau de conotação;
- é plurissignificativa;
- prefere os vocábulos plurívocos;

- os signos lingüísticos (as palavras) valem pelos seus significados e significantes;
- rejeita os hábitos lingüísticos comuns, ordinários;
- procede a experiências lingüísticas, procurando renovar a língua;

Não-literário:

- descreve ou interpreta o mundo real;
- tem menor grau de conotação;
- é monossignificativo;
- obedece aos hábitos lingüísticos;
- utiliza a língua existente e consagrada pelo uso;

Vamos apresentar dois textos, um não-literário e outro literário, mas ambos relacionados tematicamente com a emigração. Analisando-os e comparando-os, poderá o leitor detectar as características que os distinguem:

Texto 1

“A Junta (organização que prepara trabalhadores que desejam emigrar para outro ou outros países, à procura de trabalho) apresenta à entidade de ligação (instituição receptora do emigrante) a lista dos candidatos que lhe pareçam apropriados em vista do recrutamento.

A Junta efetuará uma seleção médica prévia dos candidatos. A entidade de ligação poderá participar nesta pré-seleção. Esta efetuar-se-á em locais a designar pela Junta, de acordo com a entidade de ligação, tão próximos quanto possível da residência dos interessados. Os critérios médicos a que os trabalhadores devem satisfazer são comunicados à Junta pela entidade de ligação.

Os candidatos são apresentados à entidade de ligação pela Junta, nos locais postos à sua disposição, onde os procederá à respectiva seleção profissional, quer pela entidade de ligação, quer pela entidade patronal interessada.

Elaborar-se-á uma lista dos candidatos assim escolhidos.

Não serão escolhidos os candidatos com pena de prisão no respectivo certificado do registro criminal, nem aqueles que se encontrem impossibilitados de obter um passaporte das autoridades oficiais competentes”.

Texto 2

“E, à direita do Godinho, ele lá seguiu até o porto, o coração desordenado e o olhar no passeio, para que ninguém o encarasse;

O cais estava lavado de sol – enormes lençóis brancos e cortados, aqui e ali, pela sombra dos guindastes e dos navios. De um vapor, atracado

próximo do ‘Andes’, saía, vagarosa e tímida, grossa coluna de emigrantes italianos, espanhóis, portugueses – os de sempre. E sempre o mesmo espetáculo. As mesmas mulheres de trajes campesinos, as mesmas crianças ainda incomodadas pela travessia do oceano e os mesmos homens de face atirada à vida dura – todos exalando miséria e promiscuidade. Atravessavam a prancha com passos hesitantes, conduzindo sacos e embrulhos.

Haviam chegado outros, assim, na véspera; há já muitas dezenas de anos que a cena se repetia – um cortejo interminável de famintos, que a Europa fabricava mas não alimentava, a não ser quando carecia do corpo deles para alvo dos canhões. E era sempre sombrio o bando que descia; por mais garridas e policromas que fossem as vestes das mulheres, o conjunto dava sempre uma triste sugestão de negrume e de fome.

E lá iam. Lá iam, um pouco trôpegos ao pisar terra depois de tantos dias de mar; lá iam, através dum pressentimento, dum simples hipótese, confiados nem eles sabiam em quê, vidas sem rumo, avassaladas pela idéia de ouro (ouro) e prontas a todas as vicissitudes, por que o lugarejo nativo não lhes pertencia, nem lhes dava bastante pão.

Ao vê-los, Manuel de Bouça recordava a sua chegada e pensava nas ilusões que eles traziam e que ele trouxera também”.

Ferreira de Castro

CONCLUSÃO

Nesta aula, apresentamos a natureza e as características dos textos literário e não-literário, com o objetivo de realçar diferenças que são importantes para que a Estilística possa abordar o texto que lhe compete analisar. A linguagem literária valoriza tanto aspecto significativo dos signos lingüísticos quanto o seu aspecto de conteúdo ou significado. Assim, a linguagem literária põe dúvidas de interpretação, é necessário refletir sobre o seu conteúdo. Não se dirige a um leitor preciso, desliga-se do uso prático da língua e transforma-se em arte. Cria-se um segundo código que o código literário. As suas regras variam com o indivíduo-emissor, com a época a que pertence. Diferentemente da linguagem não-literária que se dirige objetivamente a todos os leitores-receptores e não explora valores afetivos da língua, mas a sua realização prática e cotidiana.

RESUMO

Esta aula apresenta as diferenças fundamentais entre dois tipos de realização da linguagem humana: a linguagem literária e a linguagem não-literária. Discorreremos sobre as características de ambas as modalidades de uso lingüístico. A linguagem literária leva seu emissor a introduzir um cunho pessoal, afetivo, subjetivo, ao realizar um enunciado, procurando uma maior expressividade, daí a ligação da arte literária à conotação. Dessa forma, o literário em uma espécie de linguagem sugestiva, opaca, distante do real e figurada. Já a linguagem não-literária prima pela clareza, pela precisão, pela informatividade, pela objetividade. Neste sentido, apresentamos dois textos para fixar a natureza e a peculiaridade de cada uma dessas possibilidades de uso da linguagem humana.

**ATIVIDADES**

Faça uma leitura pormenorizada dois textos apresentados nesta aula que se referem, respectivamente, à linguagem não-literária e à linguagem literária. Estabeleça as diferenças, justificando-as com passagens retiradas dos próprios textos. Mostre esta atividade ao seu tutor e peça a ele uma apreciação.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Veja as diferenças entre um texto ficcional e um texto centrado na realidade. Procure lembrar o que caracteriza um texto ficcional tal como vem sendo apresentado nas aulas de literatura. Lembre-se também dos textos objetivos que foram exigidos durante as disciplinas de produção de texto. Isto facilita bastante a atividade aqui solicitada.

PRÓXIMA AULA

As funções da linguagem no campo da análise estilística

**AUTO-AVALIAÇÃO**

Com esta aula, fiquei esclarecido sobre as diferenças básicas entre discurso literário e o discurso não-literário. Para confirmar esse meu esclarecimento, vou apresentar ao meu tutor dois textos, produtos de minha pesquisa pessoal, como exemplo dessas duas modalidades de uso da linguagem.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA. Victor Manuel de. A Estilística, in: **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina. 1969.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ed. Ática. 1987.
- _____. **A metalinguagem**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.
- D'ONOFRIO. Salvatore. **Teoria do texto: teoria da lírica e do drama** – vol.2. São Paulo: Ed. Ática. 2001.
- GUIRAUD. Pierre. **A Estilística**. São Paulo: Ed. Mestre Jou. 1970.
- JAKOBSON. Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1970.
- LAPA. M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. Lisboa: Ed. Seara Nova. s/d.
- LEVIN. Samuel. **Estruturas lingüísticas da poesia**. São Paulo: Cultrix. 1975.
- MARTINS. Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: Edusp. 1989.
- MATTOSO CÂMARA Jr. Joaquim. **Contribuição à Estilística portuguesa**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1977.
- MONTEIRO. José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ed. Ática. 1991.
- MOUNIN. Georges. **Introdução à Lingüística**. Lisboa: Iniciativas Editoriais. 1970.
- PROENÇA FILHO; Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.